

João Fonte Santa: A questão da singularidade

Sandra Vieira Jürgens

A exposição de João Fonte Santa intitulada *Aprendiz Preguiçoso* reúne um conjunto de trabalhos da produção artística do autor, numa iniciativa que constitui uma visão retrospectiva sobre registos que definiram um percurso e foram marcantes. Facto interessante, é que não sendo exaustiva em relação à quantidade de trabalhos expostos, nem por isso ficaram restringidas as possibilidades de conhecer um certo número de princípios que norteiam o seu exercício pictórico. Mais, na medida em que expõe um núcleo de obras de pendor autobiográfico, estas revelam uma zona reservada, a sua história particular, o seu modo próprio de estar, entender e fazer arte. O título desta exposição é bastante evocativo, na medida em que faz apelo a um percurso criativo e de aprendizagem que o próprio artista vem construindo com liberdade, independência e autonomia; sobretudo à medida do seu tempo, e dando espaço de existência a cada circunstância, cada experiência pessoal vivida em estreito contacto com o mundo envolvente.

Formado em pintura, João Fonte Santa desenvolveu ao longo dos anos 80 e 90 um percurso associado à realização e publicação de trabalhos gráficos, ilustrações e banda desenhada em diferentes projectos editoriais. Essas influências são uma das marcas comumente assinaladas em relação às influências formais, estilísticas e iconográficas do seu trabalho, mas não resumem uma via de investigação artística marcada pelo contínuo estabelecimento de correspondências em relação a muitos outros âmbitos e territórios do espaço cultural.

Com efeito, outras áreas da arte se vão inscrevendo no seu campo de actuação: Fonte Santa integra e desenvolve relações de associação e apropriação muito produtivas com a literatura, o cinema e a música, que atravessam a sua obra. Da sua vasta produção artística fazem parte trabalhos onde questiona as determinações morais e as normas de aceitação social a partir da cristalização de referências de autores «malditos» (caso de William S. Burroughs), da envolvimento *underground* e da referência à cultura *punk*, e trabalhos de dimensão política, nos quais tece abordagens a situações da realidade social, cultural e histórica, assinalando operações e princípios que regulam o curso da sociedade humana. *Guggenheim Starship* (2002), *Destruição De Luxe* (2003) e *Como ser um milionário* (2005) são alguns dos trabalhos em que a referência à globalização económica, às potências globais, à estratégia e domínio militar e à sua tecnologia são questões em destaque.

Mas como referimos, com esta exposição João Fonte Santa mostra-nos uma série de trabalhos em que a expressão autobiográfica ganha relevo. Trata-se de um grupo de pinturas que nos remetem directamente para momentos da sua história pessoal.

Nesses trabalhos exibem-se memórias individuais, que possibilitam um itinerário

documental sobre situações reveladoras de uma determinada experiência de percepção do tempo, do contexto e da realidade cultural de um ciclo de vida. Nelas observamos um arquivo de imagens de grande formato que retratam as casas habitadas pelo artista, reuniões de amigos e episódios vários. O que assinalam concisamente tem a efemeridade das anotações fugazes que devem posteriormente servir à memória:

Travessa do Alcaide, 1998:

«Vou sair da Travessa do Alcaide. Aproveitando a casa ficar vazia, resolvi fazer uma festa-venda de Natal»

Janeiro de 99, Travessa das Almas:

«Desde que se acabou o gás no aquecedor que está cada vez mais frio. Salvam-nos os jantares com os colegas da Teresa».

Apresentando-se como fragmentos de histórias pessoais, o que é que constitui efectivamente esta série de trabalhos de João Fonte Santa?

Não existindo uma memória definitiva, sendo a fragmentação e a indefinição a sua base, o que está em jogo é o funcionamento da memória. Criar uma memória, afirmar a singularidade, perscrutar um espaço bio-social, são actos que nos devolvem a consciência e a perspectiva para analisar o nosso presente em relação ao nosso passado. Este é também um projecto político, na medida em que traz para o centro do debate aspectos de consciência histórico-política e de cidadania, com um potencial de reflexão assinalável sobre fenómenos cada vez mais extremos inerentes à situação histórica do sujeito contemporâneo, numa sociedade de consumo e de controlo – o processo de domesticação, desidentificação e uniformização das existências.

Como refere João Fonte Santa num texto que acompanhou a mostra *Low Life*, onde expôs algumas das obras aqui reunidas:

«(...) *Low Life* enquadra-se tematicamente em torno da persistência da memória e da sua importância enquanto fenómeno de construção da identidade individual, processo de mais valia que se opõe à regragem coerciva a que o indivíduo se encontra sujeito ao longo de todo o processo iniciático e aceitação social. Daí que *Low Life* enfoque prioritariamente o desajustamento e a inadaptação, como forma desajeitada de procura.»

Interessante é também perceber como neste projecto João Fonte Santa estabelece um exercício particular de contra-corrente, tendo em vista grande parte do seu corpo de trabalho e das estratégias seguidas por muitos artistas contemporâneos que dissimulam e provocam o apagamento e dissolução do eu, da individualidade, da singularidade, com o sentido proposto de revelar e questionar o império das existências massificadas.

Essa dissolução da identidade tem sido objecto de reflexão e tema de muitas obras do autor. A título de exemplo vejamos as obras «Lost in Painting» e «This is not a painting» presentes nesta mostra, cujos fundos citam a obra plástica de Bridget Riley, situadas no

quadro da arte Op dos anos 60, numa operação que reconfigura os registos impessoais, a despersonalização do gesto artístico e o distanciamento e as formas de mediação entre o objecto criado e o criador, de Duchamp à pop art, ao hiper-realismo, ao citacionismo, ao apropriação e ao simulacionismo.

Todavia, para além das diferenças, e sendo aqui o anonimato a forma crítica de operar sobre a crescente neutralização e apagamento do ser humano, é de salientar a sua finalidade comum com os registos autobiográficos de intervenção de João Fonte Santa. Neles a identidade individual reafirmada, assim como a referência a um estilo de vida colectivo, de valores e modos boémios, instituem a oposição saudável à formatação e à rotina da existência ordenada e controlada dos nossos dias.

Sandra Vieira Jürgens, «A questão da singularidade», *João Fonte Santa: O Aprendiz Preguiçoso*, Centro de Artes, Festival Sonda, 2007.